

# “IGOR NA CHUVA” DE HUGO GUIMARÃES COMO A MARIPOSA NA NOITE DA LITERATURA GAY BRASILEIRA

“IGOR NA CHUVA” OF HUGO GUIMARÃES AS THE MOTH ON THE  
NIGHT OF BRAZILIAN GAY LITERATURE

Daniel Manzoni de Almeida<sup>1</sup>

**RESUMO:** “Igor na chuva” é o mais recente romance lançado pelo escritor paulistano Hugo Guimarães no ano de 2019. O romance conta a história de um dia um jovem homossexual, universitário e atleta mergulhado em uma depressão profunda que sai pela cidade de São Paulo tomada por uma chuva torrencial. O romance de Hugo nasce como mais uma mariposa na literatura gay brasileira: do casulo das redes sociais para o voo do romance marginal e performático.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura gay; Hugo Guimarães; Literatura LGBTQI+.

**ABSTRACT:** “Igor na Chuva” is the most recent novel released by São Paulo writer Hugo Guimarães in 2019. The novel tells the story of a young homosexual, university student and athlete immersed in a deep depression that leaves the city of São Paulo torrential rain. Hugo's novel is born as yet another moth in Brazilian gay literature: from the cocoon of social networks to the flight of marginal and performative romance.

**KEYWORDS:** Gay literature; Hugo Guimarães; LGBTQI + Literature.

Recentemente publiquei um pequeno escrito “A subversão da mancha do mal na poesia de Hugo Guimarães” em que analisei a primeira obra publicada do autor Hugo Guimarães tencionando sua poética com a tradicional poética de Carlos Drummond de Andrade<sup>2</sup>. Dez anos depois da sua primeira publicação, Guimarães publica seu romance “Igor na chuva” (2019) em que a temática da homofobia continua sendo o substrato básico

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas – Brasil. E-mail: [danielmanzoni@gmail.com](mailto:danielmanzoni@gmail.com).

<sup>2</sup> MANZONI-DE-ALMEIDA, D. A subversão da mancha do mal na poesia de Hugo Guimarães. Valittera. Revista de Literatura dos acadêmicos de letras, 163-170, 2020.

do seu pensamento. Dessa maneira, aqui, continuo a puxar esse fio condutor na obra do autor paulistano para analisar sua nova obra.

O poema “Rapto”, em um dos mais intrigantes e enigmáticos livros, “Claro enigma” (1951), da obra de Carlos Drummond de Andrade<sup>3</sup> traz a temática da homossexualidade como algo destinado a clandestinidade da noite, como um crime, fruto de um rapto, pelos famigerados, de jovens do bom convívio familiar para uma vida mundana dos ambientes misteriosos “(...) *já pelas noturnas; portas de pérola dúbia das boates (...)*”. Podemos dizer, agora já passados bons anos do ambiente social em que Drummond estava inserido, que o desejo sexual associado a uma corrupção como colocado no poema de Drummond, há erros na construção dessa imagem sobre a homossexualidade. Por outro, não se pode fugir da detecção espantada via esse poema de Drummond, da marginalidade em que essas vozes se encontram, ainda, de forma persistente na sociedade do século XXI. Entre o rapto, pela águia malévola, e o beijo estéril, está um campo, um gueto, uma cultura olhada, até mesmo por Drummond, como algo distante, alienígena, em que específicos estão e quando poucos pisam chega à beira do turístico: o universo LGBTQI+. E a literatura não escapa a essa pintura do contexto social e político brasileiro contemporâneo.

É do meu interesse tencionar a tradição da literatura brasileira com os escritos da literatura contemporânea, em especial, com temática LGBTQI+. Na estante da obra do escritor paulistano Hugo Guimarães já soma em sua produção três livros publicados, como o livro de poemas “Poesia Gay underground: história e glória” (2008)<sup>4</sup>; o livro de contos “O estranho mundo de Hugo Guimarães” (2013); o romance “O tiro de um milhão de anos” (2014); e outras dezenas de escritos em seu blog intitulado *Hugo Guimarães do Céu* em que o autor reúne impressões, análises e registros do seu tempo e experiência enquanto homem gay na cidade de São Paulo.

A obra de Guimarães é cercada de verbalizações do desejo de ultrapassar as cercas da classificação de estilos sociais e literatura de estudos sociais quando não enquadra sua obra literária, em especial sua poesia, apenas como expressão do grupo social oprimido ao qual pertence. Guimarães traz nos seus escritos a encarnação da figura do mal, tão marginalizada

<sup>3</sup> ANDRADE, C. D. Claro enigma. 13a ed. Rio de Janeiro: Record, 1998

<sup>4</sup> GUIMARÃES, H. Poesia Gay Underground: história e glória. Dix Editorial, 2008

socialmente. Hugo é Ganímedes, o raptado, da mitologia grega no qual Drummond se inspira para sua análise da homossexualidade. O poeta traz a cena o cotidiano da vida ‘raptada’. A homossexualidade apontada como mal por Drummond, como uma “(...) *recusa do pasto natural aberto aos homens (...)*” ou “(...) *natureza ambígua e reticente (...)*” em o ‘Rapto’; em Hugo a homossexualidade é assumida e explicitada. O corpo, o sexo não são sujos. O corpo, ‘manchado’ pelo mal faz poesia. A luta do poeta Hugo Guimarães não é livrar-se das garras da águia, mas inverter a tradição e mostrar, via poesia contemporânea, que o chamado rapto “(...) *esses raptos terríveis se repetem já nos campos (...)*” não são tão terríveis assim; há e se faz poesia quando se adentra “(...) *e já pelas noturnas portas de pérola dúbia das boates (...)*”; e que o corpo, mesmo no “(...) *no beijo estéril e um soluço esquivo e refochado, cinza em núpcia (...)*” de Drummond há poesia. A intenção de Hugo é que a poesia está no movimento do ato sexual. Que a libido, pura em essência do fazer sexo, pode ser transformada em palavras. É o choque do embate entre a tradição e o contemporâneo. A performance única e irreproduzível de um ato. A criação de uma *nova* tradição.

Passados mais de dez anos da primeira publicação de Hugo Guimarães, que nos traz de dentro da visão do mundo gay, que Drummond havia ficado apenas na porta da boate, chega até nós o romance “Igor na chuva” (2019) lançado pela editora ‘folhas de relvas’.

Persiste por mais de dias uma chuva torrencial na cidade de São Paulo. O mundo parece ter entrado em um estado apocalíptico e Igor, a personagem central em “Igor na Chuva”, em um silêncio de voz, mas em um falatório interno, como uma enxurrada das ruas cheias d’água, desaba dentro de Igor em seu quarto morno. “*Sou o último homem de uma geração de homens, e eu não me importo. Só consegui pegar no sono às 7 da manhã devido ao ódio. Só as 10 consegui finalmente me arrastar para fora da cama (...)*” (p.13). E é assim que começa a saga, um recorte de vida, umas poucas horas de um dia de um homem, um Odisseu homérico ou Leopold Bloom joyciano, o Igor, um jovem, estudante universitário, praticante de atletismo em uma modalidade pouco comum que é o lançamento a distância de martelo na tentativa de continuar procurando um sentido para a vida. Um enredo simples, já explorado em várias camadas na literatura mundial e brasileira, um dia na vida de um homem. Porém, a originalidade de “Igor na chuva” traz elementos importantes e ainda não explorados na literatura: o dia de um homem gay brasileiro nos dias atuais. E deprimido. O fio que Hugo Guimarães puxa para começar seu romance tem o tema já trabalhado em seus outros livros,

a homofobia. Em “Igor na chuva”, Guimarães coloca em Igor as consequências psicológicas do sofrimento do preconceito. Igor tem todas as características padrões de um jovem homem na sociedade: é belo, musculoso, atraente, sexualmente desejado, branco, inteligente, estudante de um curso com refinamento cultural em uma das maiores e melhores universidades brasileiras e do mundo. Mas Igor não segue o padrão estético-social do bom moço, está tomado pelo ódio e carregado da culpa por ser o chamado “último homem” de uma geração de machões. Igor tem como ele mesmo o peso, como se fosse a carnificação do pesado martelo de lançamento, que carrega consigo pela chuva torrencial, a culpa do desague de carregar o que não corresponde o padrão do macho esperado. Igor é um homem gay e está apaixonado por outro homem que não está claro para o leitor, mas claro no desespero de Igor. É esse desespero que faz com que ele rompa os limites do seu quarto quente e enfrente a chuva arrastando livro à fora, seu martelo de atletismo buscando um alento que não encontra na cidade de chumbo de São Paulo. O rompimento de Igor com o mundo em busca do amor é tão brusco que a impressão é que ao longo do romance há um rompimento definitivo com a razão e a personagem se entrega de tão completa a paixão que realidade e imaginação se misturam para concretizar o desejo inconsciente que é a destruição da opressão homofóbica, do padrão do macho, na simbologia da tentativa de assassinato cometida por Igor ao final do romance. “Igor na chuva” é um romance que fala sobre o amor gay masculino contemporâneo em que o corpo é supervalorizado enquanto a mente é destruída. Hugo, em “Igor na chuva”, retoma novamente a temática do corpo masculino na sua obra.

Essa questão do corpo em “Igor na chuva” persiste toda as outras obras de Guimarães. Para entender “Igor na chuva” precisamos entender, ainda, poética do “Amor” Guimarães já traz no seu primeiro livro de poesias “Poesia Gay underground”. A imagem do Corpo é presente, de forma intrínseca, na literatura de Hugo Guimarães. Ela é o motor da inspiração dos escritos de Guimarães<sup>5</sup>. A imagem do corpo na literatura dele é apresentada, em sua grande maioria, pelo corpo masculino. O corpo masculino homossexual. *Cis*-gênero e no ato sexual. Seja ele no ato sexual com outro corpo masculino – mais velho ou mais novo – ou seja ele no ato sexual solitário, na masturbação. O corpo masculino e seus

---

<sup>5</sup> Pode-se observar a questão na literatura anterior de Hugo Guimarães a obra aqui analisada. “Part of Mister”, “Poesia Ruim”, “Poesia Péssima”, Poesia Terrífica”, Toroga”, “Cunnifêmers” e “PTRFD” de distribuição independente. e no material disponibilizado no site do escritor.

derivados dele – secreções, cheiros e tatos – no ato sexual, em sua particularidade, é a inspiração de Hugo. Os corpos masculinos no entrelaço do sexo ([...] ‘*Até que enfim peguei você garoto’ você me ama? Então fode meu estômago. Goza no meu dread. Chupa a minha cárie.* [...] [em *Boa noite*. página.46]). As particularidades da matéria dos corpos e, especial dos órgãos sexuais, ([*Seu pênis torto é sua vagina costurada* [...]. [em *TV*]. p.101), as secreções (*Que vício longo. Que vício longo, baby. Sangue, esperma e catarro no mesmo lugar. Ainda estou vivo.* [em *Poema da Vida (II)*. página 47]), os signos da masculinidade ([...] *enquanto eu tiver um cavalo no pescoço. Eu vou andar pela Avenida Paulista. Triste com o sentimento do medo da morte que eu não consigo sentir* [...] [em *O cavalo no pescoço e as bolas de tênis*]. pág. 77.), do pênis (falo) e as sensações proporcionadas do seu próprio corpo ([...] *Pit boys vão me espetar numa cruz. Vou gozar mais? Ou menos?* [...]. [em *Petrificando animais*]. pág.90) e também do corpo do outro. As sensações proporcionadas pela concretude do corpo masculino no ato sexual. Apesar da rica descrição dos prazeres do uso do corpo e do ato sexual explícito entre dois homens, nos ambientes mais diversos ambientes subterrâneos da metrópole de São Paulo e dentro da particularidade do seu quarto, os escritos de Hugo Guimarães não são de uma filosofia na alcova como em Sade, um quase manual da libertinagem, mas toca uma apologia, ou uma filosofia, da concretude no ato criativo literário. Para Hugo a inspiração da criação poética vem do concreto. Da realidade que o cerca. Dos detalhes que seu corpo experimenta. É a impregnação dos cheiros, gostos, sensações do prazer sexual real que viram palavras. Hugo traz que é pela concretude que o subjetivo nasce. É na performance do concreto. Este concreto para Hugo é o corpo. O escrito de Hugo é uma performance do corpo. O que está escrito é a captação única de um ato irreproduzível no instante seguinte. Para Hugo, o corpo e suas sensações são essenciais para a criação poética. O corpo no ato sexual de Hugo Guimarães, é estéril ([...] *aqueles príncipes foram tiranos de novo. E o meu desejo está morto de fome. Que machuca na minha barriga. Que não sai criança. Sai só suor de vaidade. Nenhuma vida, só rigidez* [...]. [em *A gota de suor*]. p.44) da fisicalidade esperada do ato sexual. Mas a fisicalidade gerada, *a única coisa concreta criada pelo corpo*, em Hugo Guimarães, no uso do corpo *é a poesia*. E isso fica ainda claro no poema ‘*Poetas do esperma*’ que Hugo dedica ao ato da criação da poesia.

Hugo dialoga com a filosofia da performance. Em especial a literatura no campo experimental performática<sup>6</sup>. A criação literária é pela performance. Para Hugo, fazer poesia

---

<sup>6</sup> TAYLOR, Diana. Performance. Buenos Aires. Asunto Impreso, 2012.

é um performar o corpo “*Faça poesia com seu corpo. Por favor, faça poesia com seu corpo*”. O corpo é um instrumento necessário para a criação e não é, apenas, a subjetividade, como colocado por Drummond: “*Minhas ilusões, meu sofrimento não é nada (...) Não me fale sobre sentimentos, faça uma longa viagem em mim*”, negação do subjetivo em detrimento do concreto, do palpável. É neste ponto o principal rompimento de Guimarães com a tradição colocada por Drummond sobre a poesia. Em Hugo, o corpo é o grande laboratório de experimentos únicos e irreprodutíveis. Na poesia de Hugo, a ciência é corpo. A máquina performativa (Aguilar & Câmara, 2017). Mas, ao mesmo tempo, não é qualquer corpo, qualquer concretude que a poesia nasce para Hugo: “*Um homem na sociedade pode tirar muita poesia das coisas. Mas é tudo sobre chuva e noite, fadiga e esperança. Ele mente*”. O corpo só funciona para fazer gerar e nascer a poesia. E em Hugo essa geração da poesia vem via o ato sexual. E experimento ainda esse ato sexual para Hugo, a poesia não nasce no gozo final “*(...) Esperma é frio reto abaixo, isso não é poesia (...)*”. O escritor levanta a questão que o gozo sexual, ainda, é a concretude infértil. “*(...) Algo imprestável, como esperma; fode meu nada, porra nenhuma (...)*”. Não é no orgasmo a criação. É nada. A poesia para Hugo, a criação poética, que aparente perdida deve ser achada *apenas no movimento*. A poesia vem do movimento do ato sexual. Hugo resgata valores pré-socráticos para sua concretude poética. Assim, o poeta em Hugo é como um Heráclito que busca no movimento das águas de um rio o segredo sobre o sentido da vida, “*(...) nós precisamos procurar pela poesia (...) E rolar num difícil rio. Nós precisamos*”. O movimento heracliano do poeta em Hugo, o sentido da vida, a beleza da poesia, e realidade concreta no movimento de dois (ou mais corpos) é o ato sexual. E a única coisa que pode gerar de vida é a poesia. A poesia de Hugo, como já mencionado é tão infértil quanto o seu ato sexual. O que faz gerar vida é o movimento maquinário performativo. A poesia de Hugo nasce apenas no prazer efêmero, incapturável, na concretude do movimento de corpos durante o sexo. A poesia para Guimarães não ocorre nos extremos de “*Nada ocorre, Não vida, não morte (...)*”, mas no intermediário o que está entre as “duas margens do rio” proposta por Hugo, ou seja, entre dois corpos. É neste espaço performático que Hugo chama para achar a poesia, “*(...) Nós precisamos procurar pela poesia*”. Cada ato sexual é único e irreprodutível. É movimento do rio. A imagem do rio em Hugo, na voz de Travis Bates, vira a transa. Que tudo muda no instante seguinte. Perde-se. Impossível de capturar: “*(...) Meu sonho de você desapareceu na curva do tempo*

(...)”, mas concreto no ato em si. Na corporeidade e na possibilidade de buscar beleza poética no ato sexual “(...) *Sua careta de gozo, sua dor no escuro* (...)”. Toda essa teorização sobre o corpo desagua na chuva torrencial em “Igor na chuva” em que o amor é corrompido. É um romance que fala sobre o amor idealizado, não correspondido que nos faz perder o rumo da vida e a buscar pelo mundo prazeres sintéticos, via parecer ser e drogas (legais e ilegais), na tentativa de anestesiar a dor de amar. O amor gay em um mundo fascista e intolerante dói. Igor sabe disso como ninguém. Se lançar na chuva torrencial da cidade de São Paulo é apenas um alívio para o “triste fim” que sempre terá. Em “Igor na chuva” a dor do amor corrompe o prazer do corpo.

Há outro ponto importante que a publicação de “Igor na chuva” nos traz. É sobre a tensão existente entre mercado editorial e crítica literária quanto aos escritos LGBTQI+ brasileiros na atualidade. Maia (2015)<sup>7</sup>, em um estudo primoroso nos ajuda a clarificar essa questão, quando cunha uma expressão importante, “literatura gay é *crussing bar*” para definir o local, insalubre, em que a literatura gay brasileira contemporânea está ancorada. O crítico toma a cultura gay, em especial, os locais “*crussing bar*”, que são utilizados por homens gays para fazer sexo longe dos olhares e da crítica social como expressão para classificar como a literatura gay é vista pelo mercado editorial, pela crítica acadêmica especializada e sendo ainda sendo mais abrangente pela própria sociedade: o público leitor, afinal, o que está no substrato da recepção de uma obra é o leitor. Entre o desejo do que tem que ser dito, o desejo de expressar, se colocar no seu lugar de fala, e o veículo e o endosso de como ser dito, o autor gay brasileiro está submetido as leis, que refletem a mesma desigualdade social, que regem o mercado editorial. Para o autor ou autora gay o que sobra, quando vinculado a grandes editoras, é um pequeno espaço em uma estante de livraria, com sua obra escondida entre outras, ou então exposto como literatura pitoresca. Por outro lado, o autor ou autora está sucumbido e silenciar sua expressão política, seu dizer enquanto membro de um grupo, sobre o que se tem realmente a dizer. O que Maia nos propõe é uma discussão no real local do escritor ou escritora gay diante do mercado editorial ambíguo ou da crítica literária acadêmica que tenta enquadrar os escritos oriundos da comunidade em algumas de suas categorias. Complemento que, ainda, em suas categorias do hemisfério norte ignorando os “Eus”

---

<sup>7</sup> MAIA, H. T. A literatura gay é um *cruising bar*: reflexões sobre a literatura gay, o mercado e a obra de João Gilberto Noll. Revista Periodicus, n.3, v.1, p.183-199, 2015.

brasileiros. O leitor não gay mais engajado com literatura timidamente se aproxima da literatura gay como em uma experiência antropológica em conhecer uma tribo ou uma cultura da qual não se está familiarizado. A literatura gay para a maioria do público leitor de literatura está no campo da curiosidade ou do passeio por um espaço exótico. Por outro lado, o leitor gay, se engaja no campo da literatura gay com a intenção de se ver representado e com o desejo catártico não consegue, em muitos casos, admitir a expressão artística em consonância com a expressão política dos escritos gays. O que gera uma completa confusão do papel da literatura com expressão gay no cosmo literário brasileiro que é dar vazão a expressão dos mais diversos “Eus” gays artísticos, sociais e políticos brasileiros.

É nesse ponto que chama atenção para a publicação de “Igor na chuva” que foge a lógica de mostrar um “Eu” palatável a recepção de uma literatura gay altamente engajada no positivo. O romance de Guimarães nasce do processo de metamorfose da lagarta em mariposa dos textos do blog, transformados ali diante do olhar atento do seu público que acompanha a confecção do texto, adicionado ou retirando palavras. O que tem se tornado comum no mercado editorial. O surpreendente é que fugindo do gosto palatável do grande público consegue sair do casulo, mas como uma mariposa ainda batendo asas na noite brasileira. Pela crítica especializada, o bater das asas de “Igor na chuva”, também passa de forma interessante. O romance “Igor na chuva” chega até nós premiado com uma menção honrosa no prêmio Programa Nascente da Universidade de São Paulo em que Hugo é estudante do curso de Letras.

“Igor na chuva” é um convite a uma experiência literária performática importante no atual cenário brasileiro por falar de amor, uma autocrítica a culturas, políticas e afetos LGBTQI+. Além da contribuição de um jovem autor, com uma obra pulsante e não lugar comum, da literatura gay contemporânea.

Recebido em 03/07/2020.

Aceito em 14/10/2020.